

ENTREVISTA DE DOMINGO

Rossana Mattos

“É pelo tráfico que a criminalidade se sustenta, mas não é ele que gera a criminalidade”

—A valorização de bairros de periferia tem seu preço para a população que hoje mora nesses locais e acaba “expulsa” para outras localidades com menor infraestrutura, refazendo o círculo de violência e abandono

PRISCILLA THOMPSON
pessini@redgazeta.com.br

O processo de valorização de áreas periféricas da Grande Vitória, aliado à interrupção dos programas sociais implantados recentemente pelos governos nessas regiões, como os projetos Mulheres da Paz e Protejo (Programa de Proteção de Jovens em Território Vulnerável), deve provocar, em pouco tempo, o aumento da violência na região metropolitana. É o que afirma a Doutora em Sociologia e coordenadora do Núcleo de Estudos Sócio-Espaciais e da Violência (Nesv) do Centro Universitário do Espírito Santo (Unesc), Rossana Mattos, que estuda, há anos, a relação existente entre a segregação espacial da população e a violência. Rossana explica que enquanto continuarmos “expulsando” os moradores de áreas periféricas em prol do desenvolvimento econômico e do crescimento imobiliário, continuaremos vendo a violência crescer e ultrapassar os muros da periferia.

Como se dá a relação entre o espaço urbano, a segregação e a violência?

De modo geral, as pessoas tendem a associar violência com pobreza, mas essa é uma ideia já totalmente descartada pelos pesquisadores. Os dois Estados mais pobres do país, Maranhão e Piauí, por exemplo, estão na lista dos que têm os menores índices de violência. O que as pesquisas no mundo inteiro têm mostrado é que, dentro da lógica capitalista, os laços de solidariedade têm sido cada vez mais rompidos, prevalecendo o individualismo. E isso tem tudo a ver com a violência urbana, porque esse individualismo se reflete no mercado de trabalho e nas relações sociais. Quanto

AS ÁREAS DE SEGREGAÇÃO NA GRANDE VITÓRIA



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

mais complexa é uma cidade e quanto maior o índice de urbanização, maior é a tendência à desagregação dos laços sociais. Aliado a isso, há a concentração de renda nas mãos de uma parcela muito pequena da população, e uma proporção muito alta de pessoas com baixo rendimento, ou fora do mercado de trabalho. E elas convivem lado a lado. Dessa relação, surge a violência.

Na Grande Vitória, onde estão localizadas os espaços de segregação?

Existem algumas regiões específicas, em cada município, onde se vê bem claramente essa situação: a Grande São Pedro, em Vitória; a Região da Grande Terra Vermelha, em Vila Velha; Nova Rosa da Penha, em Cariacica, e a área de Castelândia, na Serra. Essa última, inclusive,

está sendo objeto de pesquisa pelo Nesv. Além de analisar a situação da região que concentra o maior índice de homicídios de jovens de 15 a 29 anos no município, queremos entender o impacto da ação de projetos sociais que foram implantados e interrompidos pelo governo federal nos últimos anos nos bairros que compõem essa região, como São Pedro, Boulevard Lagoa, Feu Rosa, Vila Nova de Colares e Ourimar. De modo geral, são áreas que receberam uma população vinda de outros municípios e Estados, na década de 1980, quando houve o “boom” do crescimento econômico do Estado, e que se instalou em áreas até então não valorizadas pela elite.

O que mais caracteriza essas áreas?

Todas sofrem com uma violência que está quase na base do problema, que é a social. Esses bairros surgiram a partir de um processo de segregação e de desigualdade de oportunidades muito grandes. Não contam com infraestrutura, e a população possui pouca ou nenhuma renda. Nesse momento, a situação de algumas dessas regiões é extremamente preocupante, por causa da sua valorização. Vitória, a Capital, não tem mais para onde crescer, e os municípios da Serra e de Vila Velha têm um potencial fabuloso. Castelândia e Terra Vermelha, por exemplo, são regiões com grande potencial para se tornarem bairros nobres, e isso já está começando. Só que, para isso acontecer, quem está morando lá terá que sair, abrir espaço para a elite. Daí, essa população vai ser “transferida” para outros locais, provavelmente com pouca ou nenhuma infraestrutura.

A) 21903-2



Pesquisa sobre o tema segregação e violência

« Rossana Mattos formou-se em Administração pela Ufes e é Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. É autora do livro “Expansão Urbana, Segregação e Violência: um estudo sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória”, resultado da sua tese de doutorado, concluída em 2008. No estudo, Rossana detalha a renda e a ocupação da população que vive em áreas com altos índices de violência na Grande Vitória. Atualmente, coordena a pesquisa “Desigualdade sócio-espacial e violência letal na Região de Castelândia, município de Serra”, pelo Núcleo de Estudos Sócio-Espaciais e da Violência (Nesv) da Unesc. A pesquisa terá duração de dois anos.

juvens. Mas esses projetos foram interrompidos em 2010, deixando um vácuo nas ações que vinham sendo implantadas. E isso é muito grave.

Por quê?

Porque projetos dessa natureza têm que ter continuidade. Se você acena com a possibilidade de um jovem melhorar, e depois tira essa possibilidade dele, o resultado pode ser ainda pior. As pessoas criam uma expectativa em torno dessa possibilidade de inserção social. Se, no meio do caminho, eu digo que acabou, eu crio um problema ainda maior. A descontinuidade de políticas públicas é algo muito mais sério do que se imagina. E é importante lembrar que, junto disso, vem todo aquele processo de expulsão do qual falamos. Geramos a ilusão de que estamos levando desenvolvimento e políticas sociais para aquela região quando, na verdade, estamos expulsando a população, cada vez menos assistida.

O problema da violência, então, não está relacionado ao tráfico de drogas, como costuma-se dizer?

O tráfico é certamente um dos pontos a ser atacado. Afinal, é ele que fornece as condições para o crime, como armamento e proteção. Mas é preciso entender que é pela via do tráfico que a criminalidade se expande e se sustenta, mas não é ele que gera a criminalidade. O Espírito Santo vive um processo de acirramento da violência ainda maior que em outros Estados, e isso acontece porque o nosso “boom” econômico ocorreu muito recentemente, há cerca de 20 anos. Não por causa do tráfico de drogas, exatamente. Temos um dos maiores PIBs (Produto Interno Bruto) do país, só que esse desenvolvimento econômico não se refletiu em desenvolvimento social. Pelo contrário, ele gerou uma desigualdade ainda maior.

A classe média, porém, parece estar mais preocupada em se proteger.

É verdade, mas ela também precisa perceber que a inserção dessas pessoas também é benéfica para ela. A violência não está mais restrita a esses bairros. Está afetando a elite. Como ela pode não querer solução? Se não fizermos algo, vamos continuar investindo cada vez mais em segurança pessoal e nos tornar prisioneiros das nossas casas.

Esse processo de valorização e expulsão está em vias de ocorrer em todos os espaços de segregação da Grande Vitória?

Ainda não sabemos. As regiões de Vila Velha e da Serra já estão passando por isso, até porque são espaços limítrofes com Vitória e próximos da orla. São Pedro, em Vitória, também está vendo a valorização ocorrer, mas em outro sentido. O comércio local se fortaleceu, assim como o perfil turístico da Ilha das Caieiras, o que ajudou a consolidar a região. E Nova Rosa da Penha, em Cariacica, não está nessa perspectiva, porque Cariacica não é uma cidade de concentração de elite. Ainda assim, a tendência é que continuem surgindo outros bairros clandestinos, já que a população tem aumentado e as oportunidades não têm surgido no mesmo ritmo.

O acirramento dessas desigualdades é o que explica o aumento da violência?

Sim, porque as pessoas se veem obrigadas a ir para lugares piores do que aquele onde estavam. Quando o bairro começa a melhorar, elas têm que sair. Por outro lado, a classe média precisa dessas pessoas. Ou para que elas trabalhem como suas empregadas domésticas, ou como seus motoristas, jardineiros. Então, elas têm que sair dali, mas também não podem ir para muito longe, porque o custo ficaria muito alto para a classe média. A tendência é que essa população circunde os espaços da elite. É o que a gente chama de volta das muralhas da Idade Média: quem está dentro tem a falsa sensação de estar seguro, e quem está fora está entregue à sua própria sorte. Só que as muralhas não são intrans-

“

A população precisa se conscientizar de que a falta de acesso à escola é uma violência, que a falta de saneamento básico é uma violência, e que a falta de saúde também é uma violência. Violência não é caso de polícia, apenas”

poníveis. Elas podem servir até como espaço de ocultamento da violência.

É possível interromper esse processo?

Acredito que sim, mas se nós não começarmos a trabalhar as causas reais da violência, e continuarmos com o discurso de que violência é só caso de polícia, vamos continuar transferindo a responsabilidade sem atingir o problema. O foco vai continuar sendo “polícia na rua”. Só que polícia e projetos de segurança sozinhos não resolvem nada. A população precisa se conscientizar de que a falta de acesso à escola é uma violência, que a falta de saneamento básico é uma violência, e que a falta de saúde também é uma violência. Mas, hoje, nós ainda não tratamos disso nessa perspectiva. Só dizemos que a violência é um problema de segurança pública.

Qual o papel dos projetos sociais na resolução desse problema?

Eles são essenciais, porque têm a função de inserir essas pessoas, no sentido de colocá-las dentro da sociedade, para dentro dos “muros”. Quais as chances que um cidadão que vive na periferia, sem escola e sem saúde de qualidade, tem nessa sociedade em que a qualificação é fundamental para a inserção no mercado de trabalho? As opções que ele tem são ir para a ilegalidade, para o crime. Se o Estado não ocupa os espaços que deve, e não preenche esse vazio, o crime é que vai fornecer o remédio, a cesta básica, a proteção. No governo Lula, vimos uma série de projetos importantes serem implantados, como o Mulheres da Paz e o Protejo, voltado para os